



Tradição e ruptura: as mulheres no romance *Aurélia*, de Maria Benedita Bormann

Tradition and Rupture: Women in the Novel Aurélia, by Maria Benedita Bormann

Ana Heloíse Batista

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais / Brasil
helo_ufop@yahoo.com.br

<http://orcid.org/0000-0001-8503-432X>

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), Montes Claros, Minas Gerais/ Brasil

Resumo: Apesar de não terem sido vistas no decorrer da História, muitas mulheres escreveram durante o século XIX. Diante disso, este artigo propõe um olhar sobre o papel social da mulher a partir do romance *Aurélia*, de Maria Benedita Bormann, e sobre a própria escritora, pouco estudada e conhecida nos dias atuais, mas que produziu muito em sua época, o Brasil oitocentista. Dessa maneira, o nosso olhar se projeta sobre a escrita feminina no século XIX e as representações das mulheres no romance, com o diferencial de serem mulheres escritas pelo viés de outra mulher, e a maneira como essas personagens rompem com os tradicionais discursos e estereótipos femininos da literatura do século XIX. Para tanto, nos debruçamos sobre pesquisadores tais como Norma Telles, Zahidé Lupinacci Muzart, Maria Ângela D’Incao, Constância Lima Duarte, Nelly Novaes Coelho, Alfredo Bosi entre outros que constam na bibliografia final.

Palavras-chave: Maria Benedita Bormann; romance século XIX; Délia.

Abstract: Although they have not been seen throughout history, many women wrote during the 19th century. Therefore, this essay proposes a look at the social role of women based on the novel *Aurélia*, by Maria Benedita Bormann and about the writer herself, little studied and known nowadays, but who produced a lot in her time, 19th century Brazil. In this way, our gaze is projected on female writing in the 19th century and the representations of women in the novel, with the difference of being women written through the bias of another woman, and the way these characters break with the traditional feminine discourses and stereotypes of 19th century literature. For this purpose, we focused on researchers such as Norma Telles, Zahidé Lupinacci Muzart, Maria Ângela D’Incao, Constância Lima Duarte, Nelly Novaes Coelho, Alfredo Bosi, among others that appear in the final bibliography.

Keywords: Maria Benedita Bormann; 19th century novel; Délia.

1 Introdução

Maria Benedita Câmara Bormann foi uma escritora brasileira do final do século XIX, nasceu em 1852 e faleceu em 1895. Embora nascida em Porto Alegre (RS), passou a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro atuando como uma mulher de vanguarda na sociedade de sua época. Integrante de uma família privilegiada, recebeu excelente educação. A educação recebida por Bormann não era comum às mulheres daqueles tempos, mas restrita a algumas delas, integrantes de classes sociais elitizadas, para quem a educação funcionava mais como um instrumento de formação a fim de que a moça tivesse um bom casamento, eram educadas para seus maridos e não para si próprias. De acordo com Constância Lima Duarte,

Até a década de 1870, poucas brasileiras estavam alfabetizadas, pois a opinião patriarcal dominante se opunha com firmeza à instrução feminina e às mudanças de comportamento que daí podiam advir. (DUARTE, p. 101, 2017)

A prática de leitura era sempre vigiada pelo pai ou pelo marido para que a mulher não tivesse acesso à literatura considerada perigosa, que poderia despertar-lhe ideias ou sentimentos impróprios para uma perspectiva tradicional. Segundo Leonardo Castilho, “As críticas que o romance sofreu se estenderam também aos séculos XIX e XX. [...] Seja por motivações políticas, econômicas ou por quaisquer outras, o romance foi taxado como algo perigoso” (CASTILHO, 2014, p. 9).

Bormann colaborou bastante na imprensa, escreveu folhetins, crônicas, contos e artigos em vários jornais e revistas do Rio de Janeiro como *A Família*, *A Notícia*, *Brasil*, *Cruzeiro*, *Gazeta da Tarde*, *Gazeta de Notícias*, *O Paiz*, *O Sorriso* entre outros. A grande maioria desses periódicos eram abolicionistas e republicanos. Conforme Norma Telles (2004, p. 435), Bormann era abolicionista e declarava que a escravidão era uma página negra que não estava encerrada, seu maior desejo era de justiça, para o escravo, para a sociedade e para a mulher. Tanto que em 1884 ela publicou *A ama*, no jornal *Gazeta da Tarde*, um conto abolicionista, quatro anos antes da abolição da escravatura no Brasil, abordando temas relativos às mulheres negras escravas. Percebemos uma atuação incomum da mulher nas letras daqueles tempos, ao mesmo tempo em que podemos perceber uma postura atuante e engajada no contexto social e político. Em 1891, Délia publicou *O crime do convento de...* no jornal *O Paiz*, escrevendo uma ficção baseada em fatos reais sobre

um estupro seguido do assassinato de uma jovem de 14 anos, Sara Matos, interna no Convento das Trinas do Mocambo, em Lisboa, o crime ocorreu no mesmo ano da publicação do folhetim. Em sua história, Délia altera os nomes originais e ao final pune o estupro e a abadesa que envenenou a jovem.

Bormann também escreveu e publicou vários livros, entre eles estão, *Madalena* (1881), *Estela* (1882), *Estrelas cadentes* (1882), *Dois irmãs* (1883), *Uma vítima* (1884), *Aurélia*, publicado inicialmente como folhetim no jornal *Gazeta da Tarde*, em 1883 e, em formato de livro, em 1884. Escreveu também, *Angelina* (1886), *Estátua de neve* (1890), *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893), sendo que *Lésbia* é o mais conhecido e estudado até o momento. Em relação aos contos e crônicas, Cláudia Barbieri (2020, p. 85) diz que, em suas pesquisas, foram arrolados mais de sessenta títulos publicados sob o pseudônimo de Bormann, Délia, nos periódicos da época, e a pesquisadora garante que sua pesquisa ainda não está completa.

Tendo em vista a ativa participação da autora no cenário das letras de seu tempo, pode-se notar que o tema central de seus romances sempre foi a figura feminina e suas relações conturbadas com a família e a sociedade. Interessa-nos observar que a mulher foi a matéria prima e o alvo central de muitos textos produzidos por homens ao longo do século XIX, entretanto, temos aqui o diferencial da escrita ser também a partir do ponto de vista de uma mulher em relação à dinâmica da tradição, da sociedade e da família. Nelly Novaes Coelho (2002, p. 96) argumenta que o valor literário da produção feminina durante o século XIX tem sido minimizado, todavia, é nesse período que as vozes femininas, no âmbito literário, começam a questionar, no sentido de se autodescobrirem, a situação desigual em que vivia a mulher em relação ao homem, o que Bormann faz com maestria na maioria de seus textos.

Bormann utiliza um pseudônimo, Délia. O que demonstra a falta de liberdade e autonomia de escrita a qual as mulheres eram submetidas, sendo o universo das letras considerado restrito aos homens. Vale ressaltar que apesar disso, Bormann escolhe um pseudônimo feminino, ela não tenta se passar por um homem para ser aceita, mas sim, luta pelo reconhecimento das mulheres na imprensa. É de extrema importância ressaltarmos a qual mulher nos referimos neste estudo para não generalizarmos um grupo tão heterogêneo. Por se tratar de um estudo voltado à escritora Maria Benedita Bormann, uma mulher branca da burguesia carioca do século XIX, as mulheres brasileiras as quais nos referimos, na maioria das vezes, são as brancas, socialmente privilegiadas, daquele período.

2. A mulher no contexto histórico e no romance escrito por mulher no século XIX

De acordo com Michelle Perrot (2007, p. 16), tudo é história. Então, paira no ar a dúvida sobre o porquê de as mulheres não pertencerem à história contada nos cânones. Segundo a autora, as mulheres não foram as únicas a serem silenciadas e marginalizadas ao longo da trajetória da humanidade, mas é sobre elas que o silêncio e o esquecimento pesam mais. Podemos dizer que esse silêncio, do qual fala Perrot, está diretamente ligado à invisibilidade das mulheres. Durante o período imperial, no Brasil, os valores atribuídos às mulheres como forma de identificação na sociedade eram o de filha, esposa ou mãe e seu lugar era dentro de casa. O espaço público pertencia aos homens, portanto, aos olhos da sociedade, as mulheres eram invisíveis, assim como sua história. Como afirma Perrot (2007, p. 17), os relatos da história dizem respeito aos espaços públicos como guerras, reinados, homens ilustres ou públicos e até à vida de santos que viajavam pregando e evangelizando.

Segundo Maria Ângela D’Incao (2004, p. 223), no século XIX, surge uma nova mulher nas relações da família burguesa, representando o ideal de retidão e probidade, marcado pela valorização da intimidade e da maternidade. A mulher se torna responsável pelo ambiente familiar, que deve ser sólido e acolhedor, e pela educação dos filhos. Seu papel é o de esposa dedicada ao marido, às crianças e desobrigada de qualquer trabalho produtivo. Neste período, foram criados subterfúgios a fim de educar e pregar a boa moral às mulheres. Não era mais apenas a igreja que ditava as regras do comportamento feminino. Os romances, os periódicos e os manuais de conduta cumpriam o objetivo de educar as mulheres leitoras. Por conseguinte, essa nova mulher aprendia como se portar por meio das cartilhas de boas maneiras que eram publicadas nos jornais e revistas da época, e, sendo essas brasileiras também leitoras de romances, aprendiam com a própria literatura, normalmente escrita por homens. Conforme Elisa Maria Verona,

Por entre esses ditos e escritos forjavam-se modelos que interessavam à manutenção da, tão cara, ordem social. E, nesse processo, um desenho de mulher ia sendo delineado, sobretudo por mãos masculinas. (VERONA, 2013, p. 35)

Assim, se fixava a família conjugal moderna.

Esse contexto social oitocentista não era propício à escrita feminina, pois excluía a participação das mulheres na sociedade e na criação cultural. De acordo com Telles (2004, p. 403), à mulher é negada a autonomia necessária à criação, como demônio ou anjo, a mulher é sempre musa ou criatura, nunca criadora. Ainda assim, algumas mulheres da burguesia, letradas, se aventuraram na escrita e, Bormann foi uma delas, sendo uma das primeiras mulheres a escrever na coluna literária do jornal *O Paiz*. Segundo Sérgio Barcellos Ximenes (2020, p. 1), Délia era a única mulher da seção diária, do jornal *Gazeta da Tarde*, intitulada *Folhetim* e, entre 1883 e 1888, a autora publicou mais de 20 romances naquele espaço. Além de folhetins, contos e crônica, a autora publicava artigos, trabalhando também como jornalista, foi uma das primeiras escritoras a falar e fazer campanha sobre a necessidade da educação feminina, inclusive sobre sexualidade. [Bormann] acreditava que a histeria derivava do não-conhecimento da sexualidade, da ignorância das jovens, ou da hipocrisia das senhoras burguesas que, afirma em um de seus livros, fingiam não saber nada tal anjos assexuados (TELLES, 2004, p. 434).

Em relação à crítica, encontramos, na *Revista Fon-Fon*, publicada em 1937, um artigo sobre a escritora na seção denominada “Mulheres Célebres”. O autor menciona os romances *Lésbia* e *Celeste* e reconhece que o silêncio da crítica sobre a autora se devia ao fato dela ser uma mulher dedicada às Letras. Em contradição com o título da coluna ele termina o artigo dizendo “Houve tempo em que o Rio de Janeiro todo somente falava do que Délia havia escrito ou publicado. Hoje, a pergunta natural é esta: — Quem era Délia?” (D. JAYME, 1937, p. 50). O artigo nos leva há muitos questionamentos, o principal deles é o que teria acontecido para que o nome de Délia fosse apagado da história, seria apenas pelo fato de ser ela uma mulher? Na contramão das afirmações feitas por D. Jayme, encontramos inúmeros elogios escritos à autora por jornalistas e escritores contemporâneos seus, nos mais diversos jornais do Rio de Janeiro, exaltando seu talento como escritora. Um exemplo do reconhecimento recebido por Délia em vida é citado por Claudia Barbieri (2020, p. 77) que, em sua pesquisa, constatou que, em 1893, foi realizado pelo periódico *A Semana* um “Plebiscito Literário Português” que, por meio de pesquisa popular, tentava responder ao questionamento de “quais seriam os seis melhores contos escritos por literatos brasileiros”. Entre os autores elegíveis, aparece o nome de Délia ao lado de Machado de Assis, Bernardo Guimarães, Coelho Neto,

Júlia Lopes de Almeida, Arthur Azevedo, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo e outros. Barbieri ainda destaca o fato de apenas os nomes masculinos dessa lista fazerem parte, hoje em dia, do cânone literário brasileiro.

3. Bormann e a escrita feminina no contexto do século XIX

Bormann adota o pseudônimo Délia. Segundo Norma Telles (2013, p. 1), além de esconder sua verdadeira identidade, o nome Délia denota uma matrona da Roma Antiga indicando assim uma opção política, pois, em sua época, Brasil Império, nomes romanos eram adotados como pseudônimos para sinalizar apoio à República. E mais, segundo o *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (2021), na mitologia, Délia é o epíteto da deusa grega Ártemis ou, para os romanos, Diana. Simboliza a deusa da vida selvagem e protetora dos vulneráveis. Representa a natureza indomada, a inviolabilidade e a liberdade. Esses atributos da deusa podem ser relacionados à conduta da autora e, ainda, ao seu modo de escrever algumas mulheres em seus textos de ficção. Do lado da história, temos uma autora engajada nos problemas sociais e que se posicionava a favor dos direitos das mulheres. Essa preocupação com o papel social da mulher permite-nos olhar, com mais cuidado, para a forma como ela a representou em suas histórias ficcionais.

Sua escrita era considerada tão arrojada que muitos colegas seus, escritores, declararam acreditar, inicialmente, que Délia, na verdade, fosse o pseudônimo de um homem, como conta V. de Algerana, em um artigo publicado, no *Diário de Notícias*: “antes de conhecê-la, nunca supus que os seus escritos fossem devidos à pena de uma senhora [...] Afigurava-se-me um jornalista de pulso, desses experimentados nos segredos da imprensa” (ALGERANA, 1895, p. 1). Não podemos deixar de mencionar que a crença de que textos tão sublimes só poderiam ter sido escritos por um homem é a representação da mentalidade patriarcal vigente na época, na qual acreditava-se na falta de capacidade intelectual das mulheres em relação aos homens para exercerem a atividade de escrita com elevado nível de qualidade.

Contudo, quando uma escritora era enaltecida tendo sua escrita comparada à de um homem era algo que a colocava num patamar de exceção à regra e, por tanto, era considerado um grande elogio. Anos antes, em 1883, o periódico *Gazeta da Tarde* transcreveu um artigo extraído da revista *A Mulher* no qual se aprecia o talento de Délia, então colaboradora em ambos:

A Gazeta da Tarde enriquece suas colunas, com o trabalho encantador deste espírito másculo, deste cérebro de concepções sublimes, do gênio que eternizará seu nome. E venham ainda dizer-nos: A mulher não pode competir, intelectualmente, com o homem! (GAZETA DA TARDE, 1883, p. 2)

A revista feminina para elogiar o trabalho da escritora ressalta que seu espírito era másculo, colocando a autora em posição análoga de competição com os escritores de sua época e ainda menciona que Délia é “a mulher que, com a pena na mão só conhece igualdade e não superioridade” (GAZETA DA TARDE, 1883, p. 2), afirmando assim que a escritora escrevia de igual para igual com os autores, homens, da época.

Nessa perspectiva, nota-se que Bormann, apesar de adotar um pseudônimo, nunca teve a intenção de se passar por um homem para ser reconhecida, desde o início se colocou como mulher e manteve um olhar atento ao papel da mulher na sociedade de seu tempo, uma mulher falando sobre e para mulheres, algo atípico para a época. E, ainda assim, ela conseguiu conquistar seu lugar na imprensa e reconhecimento, em vida, tanto de seus leitores como de parte da crítica.

4. As personagens femininas de Délia

Sobre a forma como os escritores do século XIX escreviam suas personagens femininas e seus papéis na sociedade burguesa, Salette Santos diz que “não era interesse da sociedade que determinadas ideias influenciassem o comportamento feminino, como buscar aperfeiçoamento intelectual com vistas ao exercício de alguma profissão fora de casa” (SANTOS, 2010, p. 30). Enquanto isso, todas as heroínas de Délia eram mulheres e, assim como a autora, suas personagens são bem-nascidas, eruditas, com educação esmerada, falam mais de uma língua e são leitoras ávidas, influenciando suas leitoras, mulheres, a almejarem semelhanças com suas heroínas, valorizando o conhecimento e o desenvolvimento pessoal. Sandra Vasconcelos (2007, p. 11), fala que o romance surgiu para acolher múltiplas vozes e valores, para exprimir uma nova visão de valores da sociedade e dar conta de um novo contexto sócio-histórico-cultural. Embora seu texto seja sobre a ascensão do romance inglês, acreditamos que o mesmo pode ser aplicado ao romance no Brasil e que Bormann colocou em suas narrativas exatamente esse novo olhar, essa nova voz, vinda das mulheres, escrita a partir do ponto de vista de uma mulher.

Dentre as suas obras, temos em *Madalena*, ao que parece, seu primeiro romance, a representação da independência feminina. Délia nos apresenta uma personagem desiludida com o casamento que, apesar de casada, vive só, pois o marido é viciado em jogos. Mesmo assim, a personagem se apresenta nos eventos sociais, só e privando por sua dignidade de mulher casada, inclusive aparece como anfitriã em vários eventos sociais, Madalena também demonstra independência financeira ao dispor de seu dinheiro, para ajudar os amigos ou parentes, sem consultar o marido, atitude muito incomum para a época, reservado, em alguns casos, às mulheres viúvas, demonstrando assim uma independência feminina bem à frente de seu tempo. No romance *Lésbia*, temos uma heroína que enfrenta o fracasso do casamento e se divorcia, uma personagem que almeja acima de tudo reconhecimento profissional, ela luta para ser uma escritora de sucesso.

A maioria dos livros de Délia tem como título o nome da personagem principal, que é sempre uma mulher, quando não traz o nome de suas protagonistas, faz referência direta a elas, como, por exemplo, *Duas irmãs*, *Uma vítima* e *Estátua de neve*. Observamos, assim, que sua temática principal é a mulher, objeto de todas as suas obras. Sobre os títulos de Délia, a pesquisadora Norma Telles afirma que:

Os títulos de Délia são nomes de mulher, ou apontam para mulheres [...], o que já explicita seu tema central: o coração da escuridão que é a mulher do século dezenove, continente inexplorado, ou mal explorado. A mulher não como retratada pelos textos hegemônicos [...]; mas como vista por ela própria em sua vida restrita, com suas ambições, anseios, sofrimentos, confusões, merecimentos, realizações; seus enredos e sua afirmação como pessoa e artista. (TELLES, 2000, p. 576)

Bormann transcreve as mulheres de forma não totalmente livres dos papéis impostos a elas, pois vivem sob as amarras do patriarcado e da sociedade burguesa da época. Mesmo assim, suas personagens tentam fazer suas próprias escolhas e decidir o seu próprio caminho. As personagens femininas de Bormann nos mostram seus medos, desejos, angústias e sentimentos mais profundos, muitas vezes se entregam ao desespero e têm ataques de fúria de forma descontrolada, comportamento este que foge aos padrões desenhados para a época. A autora nos mostra todo o sofrimento ao qual as mulheres eram impostas em nome da moral perante

a sociedade como, por exemplo, Luiza, personagem do livro *Aurélia*, que acaba morrendo devido ao sofrimento dela e da filha para esconderem da sociedade que Aurélia estava grávida. São personagens diferentes daquelas encontradas nos cânones literários da mesma época. Como bem diz Salete Santos a respeito da escrita produzida por homens naquele período, “os autores não promovem denúncia das condições de vivência feminina, ao contrário, matizam essa situação com as cores da idealização, autenticando o estabelecido” (SANTOS, 2010, p. 30).

Contudo, seguindo a visão de Vasconcelos que afirma que “o romance, mais do que qualquer outra forma literária, levanta de forma aguda o problema da correspondência entre a obra literária e a realidade que imita” (VASCONCELOS, 2007, p. 13), Bormann problematiza em seus romances a realidade a qual as mulheres são impostas na sociedade oitocentista. Com esse olhar à presença feminina, a obra *Aurélia* foi escolhida para este estudo porque apresenta mulheres destemidas e audaciosas, que se mostram fortes mesmo em meio a enorme sofrimento infligido a elas pelas exigências da sociedade patriarcal que lhes impõe casamentos sem amor, proibições de conduta e de maneiras de se expressarem.

5. O romance *Aurélia*

O século XIX foi marcado, tanto no Brasil quanto no mundo, por grandes acontecimentos históricos, políticos e sociais. Foi também um período bastante criativo e inovador nas áreas das artes, literatura, filosofia, ciências e tecnologia. Esses novos conceitos influenciaram e determinaram não só o contexto social, mas também cultural-literário da época. É em meio a essa época de grandes mudanças que Maria Benedita Bormann escreve suas obras apoiando e influenciando suas leitoras ao colocar em cena mulheres que, na maioria das vezes, se desiludem com o casamento, tendo no matrimônio o maior erro de suas vidas.

Bormann, escreve sobre como as mulheres enfrentam a sociedade e as tradições patriarcais, a autora também expõe as ambições, desejos e segredos dessas mulheres. Podemos citar, como exemplo, algumas personagens do livro *Aurélia*, como Zélia, a Baronesa de Avelar que, quando jovem, bela e pobre, foi pressionada pelo pai a se casar com um barão. Após se decepcionar com os vícios desse homem, Zélia, se sente obrigada a viver em um casamento de aparências. Mesmo sentindo repulsa pelo marido, ela

continua casada e fiel a ele como ditavam os costumes da época. Contudo, ela nunca realizou o desejo de dar à luz a uma criança, pois não se deitava com o marido como forma de puni-lo. Ao final ela fica viúva e adota uma menina. Não é pelo casamento ou sexualidade que ela almeja se realizar, mas pela maternidade. O que ela consegue ao final, apesar de se restringir de outras experiências como mulher.

Outros exemplos são Luiza e Aurélia, mãe e filha, que articulam um estratagema para esconder a gravidez de Aurélia a fim de protegê-la da sociedade. Com esse mecanismo, tornam o filho de Aurélia em seu irmão. Luiza acaba morrendo, mas Aurélia, depois de muito sofrimento, encontra o amor em um homem que não a julga por ter um filho fora do casamento. Percebemos que a autora faz questão de marcar toda uma trajetória de dificuldades femininas para dar a elas algum alento no final. Essa é a forma de mostrar como a trajetória feminina é de muitas lutas e sacrifícios. Já Sabina Mazerolle e Mlle X, são dois exemplos de mulheres ambiciosas, que não se importam com a sociedade e que não medem esforços para alcançarem seus objetivos, mesmo que precisem usar de métodos ardilosos como traição e chantagem. Renata exemplifica a mulher que é obrigada pela família a se casar com um homem muito mais velho por dinheiro, mas que a despeito das regras sociais trai o marido com um homem da sua idade e igualmente pobre. E por último, Sofia Alvim que, em uma cena extremamente detalhista, se mata de forma brutal com um tiro no peito após descobrir sobre o seu romance incestuoso com o irmão, Raul.

Com base na condição das mulheres naquele contexto e na atuação da autora é que voltamos a atenção para a representação feminina no romance *Aurélia*. É possível perceber a postura da autora em relação às mulheres ao passo em que, na obra, mais de uma personagem é desencantada com o casamento e com a vida feminina. Além de belas, algumas mulheres do livro são, extremamente, inteligentes, cultas e independentes. Como, por exemplo, Aurélia que “era uma criatura adorável e capaz de impressionar a um filósofo” (DÉLIA, 2009, p. 45). Também, a Baronesa de Avelar, melhor amiga de Aurélia, ambas são descritas como excepcionalmente belas e eruditas, detentoras de vasto conhecimento sobre artes, cultura, história e política, sempre citando grandes nomes da literatura, música, pintura, fatos históricos, além de recorrentemente mencionarem expressões em outras línguas como francês, inglês, italiano e alemão. Vale lembrar que assim

como suas personagens, Bormann falava outras línguas e lia muito, não apenas romances, seu vasto conhecimento literário fica evidente em suas obras como resume Maria da Conceição Araújo:

Ao ler a obra de Bormann, fica evidente essa prática de leitura. Através de citações diretas e indiretas, destacam-se autores estrangeiros como Valliérre, Büchner, Burmeister, Czolbe, Moleschott, Tuttle, Krahmer, Ângelus-Silesius, Huschke, Secchi, Faraday, Lutero, Plínio e Bossuet; Voltaire, Spinoza, Sêneca e Rousseau. As referências a diversos escritores franceses mostram que Délia estava atenta à literatura produzida em França. Os nomes recorrentes em sua obra são dos escritores Marie-Joseph Blaise de Chénier; Charles Augustin Sainte-Beuve; Alfred de Musset; François Édouard Joachim Coppée; Octave Feuillet; Honoré de Balzac; Louis-Francois Veuillot; Leonard Sylvain Julien Sandeau; Émile Zola; Casimir Delavigne; Alfred de Vigny; Nicolas-Sébastien Roch; Mirabeau; François IV, Duque de La Rochefoucauld; Victor Hugo e Byron. Cita, ainda, os ícones da literatura portuguesa, Luís de Camões e Almeida Garrett. (ARAÚJO, 2008, p. 151)

Na dinâmica da obra, temos mulheres que, além de belas e cultas, driblam a opressão social patriarcal, que são cúmplices, como, por exemplo, Aurélia e sua mãe Luiza. Ao saber da gravidez da filha, Luiza lhe dá duas opções, a primeira é pedir ao pai que obrigue o homem a se casar com ela, coisa que Aurélia recusa veementemente, demonstrando amor próprio e altivez:

— Não! nunca! prefiro a vergonha, o desprezo universal, tudo, a unir-me ao ente, que renegou meu filho, que despedaçou minha vida, porque... porque não tenho dinheiro! Não! minha mãe! nunca! (DÉLIA, 2009, p. 16)

A segunda opção é tomar a gravidez da filha para si, e se sente feliz por a filha não escolher a primeira opção. Dessa forma, mãe e filha guardam o segredo sobre a verdadeira mãe de Raul por toda a vida, possibilitando que Aurélia siga com a vida normalmente sem ser rechaçada pela sociedade.

Nesse viés, o enredo apresenta diversas personagens femininas com diferentes personalidades, desconstruindo a convicção de mulher como um ser singular universal. Como afirma Perrot (2007, p. 17), os homens, em sua maioria, enxergam as mulheres por estereótipos e, por isso, generalizam o discurso com frases como “As mulheres são...” ou “A mulher é...”. Segundo Perrot,

As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes, variável e desigual segundo as épocas. (PERROT, 2007, p. 17)

Alfredo Bosi afirma que, “o escritor realista tomará a sério as suas personagens e se sentirá no dever de descobrir-lhes a verdade, no sentido positivista de dissecar os móveis do seu comportamento” (BOSI, 1994, p. 188). Esse olhar realista apontado por Bosi é materializado no romance *Aurélia*, na medida em que, Délia mergulha fundo em suas personagens nos mostrando as complexidades que envolvem cada mulher, demonstrando a construção de suas identidades num contexto que pretende estereotipá-las.

O romance, *Aurélia*, se divide em três: o prólogo, a primeira e a segunda parte. O prólogo, em três capítulos, nos mostra a trama principal da obra, conta a história de Aurélia, aos 15 anos e de Luiza, sua mãe. O leitor é colocado a par do arranjo entre as duas para esconder de todos, inclusive do pai de Aurélia, a gravidez de sua filha, transformando o filho de Aurélia em seu irmão, e como isso levou a morte de Luiza. A primeira parte, com quinze capítulos, conta a história da vida de Aurélia. Através de um salto no tempo, encontramos Aurélia aos vinte e cinco anos e acompanhamos a história da heroína. Ficamos sabendo de todo o sofrimento de sua vida após a morte da mãe, a qual ela se culpa, como ela se tornou uma mulher rica, triste e que afasta todos os pretendentes, até o seu “final feliz”, o casamento com o seu amado que tem o sugestivo nome de Salvador. Durante a história é apresentado ao leitor uma variedade de personagens da burguesia carioca. A segunda parte, dividida em onze capítulos, salta quatorze anos no futuro e conta a história dos descendentes da primeira geração que é apresentada na primeira parte do livro. A história gira em torno de Raul, o filho/irmão de Aurélia, após atingir a maturidade. Ficamos sabendo de todo o drama vivido por ele ao se apaixonar e ficar noivo da própria irmã, sem saber da verdade. No final, Sofia, a irmã e noiva de Raul, comete suicídio e ele, após uma longa temporada na Europa, retorna e se casa com outra. Como argumenta Norma Telles na introdução do livro *Aurélia*: “A vida sempre continua, ao menos para os homens” (DÉLIA, 2009, p. 6).

O livro não é linear, voltando no tempo uma hora ou outra, pulando para alguns anos no futuro em outros momentos. A primeira e a segunda parte do romance são histórias complementares que não dependem diretamente uma da outra. A narrativa aborda temas como adultério, desejo feminino,

castidade, gravidez na adolescência, separação conjugal, suicídio, incesto, entre outros, chocando e sendo alvo de críticas na época. A partir desse romance, de sua heroína e de outras personagens femininas apresentadas na obra, buscamos pontuar um universo feminino cheio de rupturas com a realidade da mulher burguesa do século XIX no Brasil.

Vale ressaltar que no século XIX existiu outra personagem famosa com o nome Aurélia, que foi a Aurélia Camargo do romance *Senhora*, de José de Alencar, publicado em 1875. É inegável as semelhanças entre as histórias das duas personagens. Tanto a Aurélia de Bormann, quanto a de Alencar, eram moças muito belas que se apaixonaram na juventude, mas foram abandonadas por serem pobres, pois seus respectivos amantes desejavam um casamento que lhes trouxesse fortuna. Posteriormente, as duas enriquecem devido a uma herança. A diferença entre as duas Aurélias está em suas ações e sentimentos após se tornarem ricas. A Aurélia, de Alencar, busca vingança sobre o homem que a abandonou, terminando por perdôá-lo e ficando com ele no final do romance. Ao passo que a Aurélia, de Bormann, busca redenção por acreditar que sua mãe faleceu devido ao sofrimento causado pelo seu envolvimento com Gustavo Alvim. Embora ele venha a lhe propor casamento após saber de sua herança, sua atitude é de apenas desprezo e não de vingança:

Aos 20 anos, voltara ao Rio e causara verdadeira sensação. Encontrara um dia Gustavo Alvim, o miserável que a maculara física e moralmente; sabendo que ela herdara do padrinho, ousara falar-lhe em casamento: Aurélia fitara-lhe um olhar de intraduzível desprezo e murmurara estas palavras, por entre os dentes cerrados: — Desapareça e não ouse mais aproximar-se de mim! Pouco depois, vendo que ele não se retirara, pretextara qualquer indisposição e saíra (DÉLIA, 2009, p. 48).

Sendo assim, ela nunca mais pensa no rapaz, nem demonstra nenhum tipo de sentimento por ele, apenas se importa em melhorar como pessoa e reparar os erros do passado. Alguns críticos acreditam que a Aurélia, de Bormann, possa ter sido uma releitura da personagem de Alencar de modo a responder com uma visão feminina o que realmente se passa no coração de uma mulher, visto que o romance de Bormann foi publicado apenas oito anos depois do de Alencar. Em Bormann, vemos que o desprezo pode ser melhor do que a vingança. Pensando sobre a perspectiva da observação e da participação de um narrador homem ou mulher frente a circunstância narrada, podemos pensar como Georg Lukács no texto “Narrar ou Descrever?”, que:

O contraste entre o participar e o observar não é casual, pois deriva da posição de princípio assumida pelo escritor, em face da vida, em face dos grandes problemas da sociedade, e não do mero emprego de um diverso método de representar determinado conteúdo ou parte de conteúdo (LUKÁCS, 1965, p. 50).

Sendo assim, no romance de Alencar, sabemos que a posição do autor é de mero observador, representando sua personagem Aurélia do ponto de vista masculino. Enquanto no romance de Bormann podemos dizer que a posição da autora descreve a vida de uma mulher em face de alguém que vive e participa da sociedade na posição de uma mulher.

Se em obras escritas no mesmo período, como algumas de José de Alencar, por exemplo, encontramos textos de caráter exemplar, para doutrinar as mulheres, servindo como, praticamente, manuais de orientação da conduta da mulher; na historiografia literária do século XIX, encontramos livros com caráter contestador da condição da mulher, escrito por uma mulher, como é o caso da obra *Aurélia*, de Bormann. A pesquisadora Zahidé Muzart afirma que

As mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. (MUZART, 2003, p. 267)

Sendo assim, podemos, ao menos, afirmar que os textos de Bormann eram uma forma de militância feminina.

Contudo, observamos que, as obras escritas por homens, como exemplo temos romances publicados em datas bem próximas de *Aurélia*, e que, ao contrário desta, que até pouco tempo era desconhecida, fazem parte do cânone literário brasileiro como *Senhora*, de José de Alencar, *O mulato*, de Aluísio Azevedo e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que não só tiveram êxito em sua época de publicação como são aclamados, estudados e pesquisados até hoje. Enquanto a obra de Délia ainda permanece desconhecida do público leitor em geral, sendo mais conhecida por pesquisadores que se dedicam a investigar sobre as escritoras brasileiras do século XIX e, certamente, muitos de seus textos ainda devem permanecer no limbo da literatura aguardando serem recuperados.

6. Conclusão

Neste trabalho intentamos resgatar e analisar uma pequena parte da memória literária de Maria Benedita Bormann, uma escritora brasileira do século XIX com grande participação nas letras, sob o pseudônimo Délia. Ela deixou uma vasta produção publicada tanto em jornais quanto em revistas. Mesmo assim seu trabalho foi apagado da história literária e continua anônimo para a maioria do público leitor atual, mais raras ainda são as pesquisas publicadas em torno de suas obras. E ainda há muito o que se descobrir, inclusive sobre a própria biografia da autora que ainda é cheia de lacunas.

Através da análise do romance *Aurélia* pudemos refletir sobre a literatura de autoria feminina no século XIX e por meio das personagens femininas constatamos as várias formas como essas personagens rompem com os tradicionais discursos e estereótipos femininos do século XIX. Segundo Nelly Novaes Coelho

Para as mulheres, as mudanças evoluem em proporção geométrica a cada dia que passa, e alteram não só seu antigo lugar na sociedade, mas também sua própria consciência de ser, em relação a si mesma e em relação ao mundo. (COELHO, 2002, p. 90)

Sendo assim, podemos dizer que, a cada obra publicada, Bormann evoluía e, aos poucos, alterava seu lugar na sociedade como uma mulher escritora e, hoje, contribui para transformar a reescrita da história das mulheres. Délia, contribuiu também para mudar o pensamento crítico de suas leitoras, as mulheres do século XIX, sobre o seu papel e lugar no mundo.

Referências

ALGERANA, V. de. Por alto. In: *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1 de ago. de 1895, ed. 3648, p. 1.

ARAÚJO, Maria da Conceição P.. *Tramas femininas na imprensa do século XIX*: tessituras de Ignez Sabino e Délia. 2008. 284 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BARBIERI, Claudia. Contos na imprensa: Délia e a narrativa breve. *Letras em Revista*, Teresina, v. 11, n. 02, jun./dez. 2020.

- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CASTILHO, Leonardo de A.. Os caminhos do romance. In: *Cadernos ESPUC*. Belo Horizonte, n. 24, 2014.
- COELHO, Nelly N.. A literatura feminina no Brasil - das origens medievais ao século XX. In: BEZERRA, K. da C.; DUARTE, C. L.; DUARTE, E. de A. (org.). *Gênero e representação: teoria, história e crítica*. Belo Horizonte: Pós-graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, 2002. p. 89-107.
- D. JAYME. Mulheres Célebres: Délia. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 4 de set., 1937, ed. 36, p. 50.
- DÉLIA. *Aurélia*. TELLES, Norma. Introdução, atualização do texto e notas. Coleção Rosas de Leitura, 2009. Disponível em: <<https://www.normatelles.com.br/wp-content/uploads/2013/07/Aurelia.pdf>>. Acesso em: 03 de junho de 2021.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.
- DUARTE, Constância L.. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. *Revista XIX*, Brasília, v. 1, n. 4, p. 95-105, 25 ago. 2017.
- GAZETA DA TARDE. Rio de Janeiro, 22 de nov. de 1883, ed. 273, p. 2.
- LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? In: *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=50zy>. Acesso em: 24 de agosto de 2021.
- MUZART, Zahidé L.. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria E.. (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 267-278.
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SANTOS, Salete R. P. dos. *Duas mulheres de letras: representações da condição feminina*. Caxias do Sul, RS: Educ, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401 - 442.

TELLES, Norma. *Délia, pesquisas*. 2013. Disponível em: <https://www.normatelles.com.br/delia_a_intuicao_do_instante/>. Acesso em: 23 de agosto de 2020.

TELLES, Norma. Délia. In: MUZART, Zahidé L. (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*. 2. ed., vol. I. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 567-590.

VASCONCELOS, Sandra G.. Ascensão do Romance. In: *Dez lições: sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

VERONA, Elisa M.. *Da feminilidade oitocentista*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

XIMENES, Sérgio B.. *A Ama (1884), conto abolicionista de Délia, autora de Lésbia (1890)*. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/@sergiobximenes/a-ama-1884-conto-abolicionista-de-d%C3%A9lia-autora-de-l%C3%A9sbia-1890-933fe27f637c>>. Acesso em: 11 de junho de 2021.